

A edição do “livro vingador”

Um engenheiro vira jornalista, correspondente de guerra de O Estado de S. Paulo, e vem à Bahia para cobrir as sangrentas batalhas de Canudos. Não assiste à derrota final, promovida pela quarta expedição do Exército brasileiro, mas descreve os combates e a realidade sertaneja do final do século passado, num livro que se transforma na obra-prima de Canudos. Publicado, em 1902, Os Sertões, de Euclides da Cunha, foi homenageado em seus 60 anos, com um curso na Academia de Letras da Bahia, em promoção conjunta da ALB, Centro de Estudos Baianos, Uneb, Instituto Histórico e Geográfico e Centro de Estudos Euclides da Cunha. Cinco conferências, realizadas de 9 a 13 de novembro, fizeram uma verdadeira autópsia em Os Sertões.

“O livro consagrado de Euclides da Cunha é da mesma idade de Canaã, de Graça Aranha, e nasceu no mesmo ano de Pedro Calmon, Carlos Drummond de Andrade e Pierre Verger – 1902, foi, indiscutivelmente, uma boa safra”, assim abriu o curso o historiador José Calazans. E dele, quem irá discordar? A TARDE Cultural acompanhou as palestras e as discussões do curso e faz agora o relato.

Os Sertões, de Euclides da Cunha, livro consagrado e consagrador, está completando 90 anos. Apareceu em 1902. É da idade do romance Canaã, de Graça Aranha. Nasceu no mesmo ano de Carlos Drummond de Andrade, Pedro Calmon, Pierre Verger. Foi uma boa safra de começo de século. Ignoramos, porém, o dia exato do lançamento da obra, que conta de modo eloquente a campanha sertaneja de 1897.

O escritor Olímpio de Souza Andrade, euclidiano de grande valia, andou pesquisando o assunto e concluiu que o celebrado ensaio teria sido tornado público entre agosto e outubro de 1902. Houve tempo em que se admitiu os primeiros dias de dezembro, por causa da publicação de um artigo de José Veríssimo, conceituado crítico literário da época, a quem Euclides agradeceu, em

carta de 3 de dezembro, a elogiosa opinião. As pesquisas de Olímpio de Andrade, baseadas na correspondência de Euclides da Cunha, são mais esclarecedoras. A 10 de agosto ele informou a Francisco Escobar, que muito contribuíra para a elaboração do livro, que, por solicitação de Massow, da editora Laemmert, estivera no Rio de Janeiro para acertar o dia do lançamento. Parece que teria sido sugerido o início de dezembro, porém a contumaz timidez do autor não permitiu que tal sucedesse.

Deveria chegar ao Rio naquela época, com uma programação festiva, o barão do Rio Branco, que vinha exercer as funções de ministro de Estado das Relações Exteriores na presidência do conselheiro Rodrigues Alves. Seria a motivação do mês. Por outro lado, segundo é corrente, Euclides da Cunha ficou apavorado quando viu o número de pequenas incorreções do seu sonhado “livro vingador”. Teve de corrigir, nos mil exemplares já impressos, cerca de 80 erros gráficos. As emendas foram feitas a bico de pena e ponta de canivete pelo próprio ensaísta, naturalmente angustiado. Podem-se encontrar nos livros da primeira edição algumas dessas corrigendas.

Desanimado, ele teria desistido da apresentação pública. É o que se diz, porque há em torno de *Os Sertões* uma infinidade de histórias e estórias. No dia 19 de outubro, outra vez dirigindo-se ao amigo Escobar, que lhe agradecera a remessa do livro, Euclides da Cunha menciona os equívocos que o ilustre companheiro de São José do Rio Pardo observara. Vê-se, portanto, que Francisco Escobar já estava de posse do seu exemplar, seguramente enviado pelo autor, nos dias iniciais de outubro. *Os Sertões* já principiava caminhada de obra-prima da literatura nacional, recebendo aplausos vindos dos mais diversos setores. Euclides, no dizer de Sílvio Romero, ao recebê-lo na Academia Brasileira de Letras, dormira anônimo e acordara famoso.

Nenhum outro livro brasileiro, em qualquer tempo, conquistou notoriedade tão rapidamente. É sempre oportuno recordar e exaltar seu vitorioso aparecimento.

Acertado, pois, fazê-lo neste Caderno Cultural de A TARDE, por diversos motivos, sobretudo porque se trata de um livro baiano.

Foi Euclides Rodrigues da Cunha mesmo que assim reconheceu, numa missiva a seu amigo Pethion de Vilar, Egas Moniz Barreto de Aragão, datada de 6 de fevereiro de 1903: “Desejo porém conhecer a sua impressão pessoal a respeito daquelas páginas – embora sejam elas fracas demais para enquadrarem a grandeza dessa Bahia, que é também um pouco a minha terra”. Manuel Pimenta da Cunha, pai de Euclides da Cunha, era baiano e o notável homem de letras sempre timbrou em falar com afeição da sua família, na correspondência endereçada a José Pimenta da Cunha, o tio José, em cuja casa, à ex-Rua da Mangueira, nº 8, ficou hospedado durante os dias vividos na peregrinação jornalística que o levou às terras do Vaza-Barris.

Historiador, folclorista e escritor, José Calasans Brandão da Silva, agora comemorando 50 anos de literatura, é um dos maiores especialistas em Canudos e Antonio Conselheiro, com vários livros publicados.